



VOZES DO Igarapé:

Memórias e encantos do Umariáçu



FICHA TÉCNICA

Autores

1. Genivaldo Porfírio Ambrózio
2. Nataniel Gomes Marin
3. Taciana de Carvalho Coutinho
4. Juliana Laufer

Autores das Narrativas

1. Artemio Candido Pinto "Dü'taũcü".
2. Helena Manuel Gomes "Ügüna".
3. David Bruno Guedes
4. Marquis Sampaio

Tradução e Revisão

1. Genivaldo Porfírio Ambrózio
2. Nataniel Gomes Marin
3. Taciana de Carvalho Coutinho

Desenhos

1. Genivaldo Porfírio Ambrózio
2. Ivo Neco
3. Jovens participantes da Oficina "Histórias do Igarapé do Umariáçu"

Projeto gráfico e diagramação

Elizângela Araújo/Hiperativa Comunicação Integrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vozes do Igarapé : memórias e encantos do Umariáçu / Genivaldo Porfírio Ambrózio... [et al.]. -- Tabatinga, AM : Com Tudo Propaganda, 2025.

Outros autores: Nataniel Gomes Marin, Taciana de Carvalho Coutinho, Juliana Laufer, Artemio Candido Pinto "Dü'taũcü", Helena Manuel Gomes "Ügüna", David Bruno Guedes, Marquis Sampaio.

ISBN 978-65-986095-3-5

1. Amazonas (Rio) 2. Indígenas - História
3. Literatura brasileira 4. Memórias antigas
I. Ambrózio, Genivaldo Porfírio. II. Marin, Nataniel Gomes. III. Coutinho, Taciana de Carvalho. IV. Laufer, Juliana V. Pinto "Dü'taũcü", Artemio Candido.
VI. Gomes "Ügüna", Helena Manuel. VII. Guedes, David Bruno. VIII. Sampaio, Marquis.

25-321119.2

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Apoio



Esta cartilha nasceu das vozes dos jovens e dos anciãos da comunidade indígena Umariáçu I, que se reuniram para registrar as histórias contadas sobre o igarapé, a floresta e os seres encantados que habitam o território.

Cada história aqui escrita é mais do que uma lembrança: é um pedaço de memória viva, que fala das mudanças do rio, das terras caídas e da força espiritual que sustenta o povo Ticuna.

Que estas páginas ajudem a manter viva a palavra dos antigos e inspirem as novas gerações a cuidar do igarapé do Umariáçu e de tudo o que ele representa.



MEMÓRIAS DO UMARIAÇU ANTIGO

História contada por Dü'taucü

Antigamente, quando eu era criança, a aldeia não era como é hoje. Naquele tempo, ninguém morava aqui. Era tudo campo e floresta fechada. Meus bisavôs caçavam por estas matas.

A gente pegava água bem no meio do igarapé do Umariçu e não podia voltar tarde, porque era perigoso. Quando anoitecia, escutávamos muitos assobios estranhos — alguns de animais, outros que ninguém sabia de onde vinham.

Minha avó sempre me alertava para não andar sozinho na floresta. Ela dizia que a floresta tem seu dono, e que ele podia levar tanto as crianças quanto os adultos.

Umariaçu não era aqui onde vivemos hoje. Antigamente, ficava na beira do rio — onde agora só existe água. Ali, onde hoje é o barranco, ficava o igarapé dos Camarões. Meus avós pescavam lá, e o vovô Joaquim morava bem ao lado desse igarapé, que já desapareceu.





Mapa 2005

Engatú

ANTIGO AEROPORTO

IGAPÉ AMARALÇU

IGAPÉ CAMARÃO (Engatú)

RIO ALTO SOLIMÕES

O igarapé do Umariçu nunca secava como agora. Suas águas eram transparentes e cristalinas. No cemitério, ninguém passava ao cair da noite, pois era perigoso. Minha avó contava que, onde hoje é o cabeceiro da pista, aparecia uma cobra grande que atravessava o igarapé.



Por isso, havia muitos peixes: aruanã, curimatã, tucunaré, piau, pacu e muitos outros. Dizem que ali existia um olho d'água, e era ele que mantinha o igarapé sempre vivo.

Mais adiante, onde ficava a antiga pista, viam uma moça sentada à beira do igarapé nas horas em que o sol aparecia. Era a sereia. A água naquela época era muito bonita, transparente e cheia de vida — porque ali vivia a sereia.



Eu sei como era, e ainda existem muitas outras histórias sobre o Umariçu antigo, que conheço bem, como conhecem os anciãos que nasceram e viveram aqui.



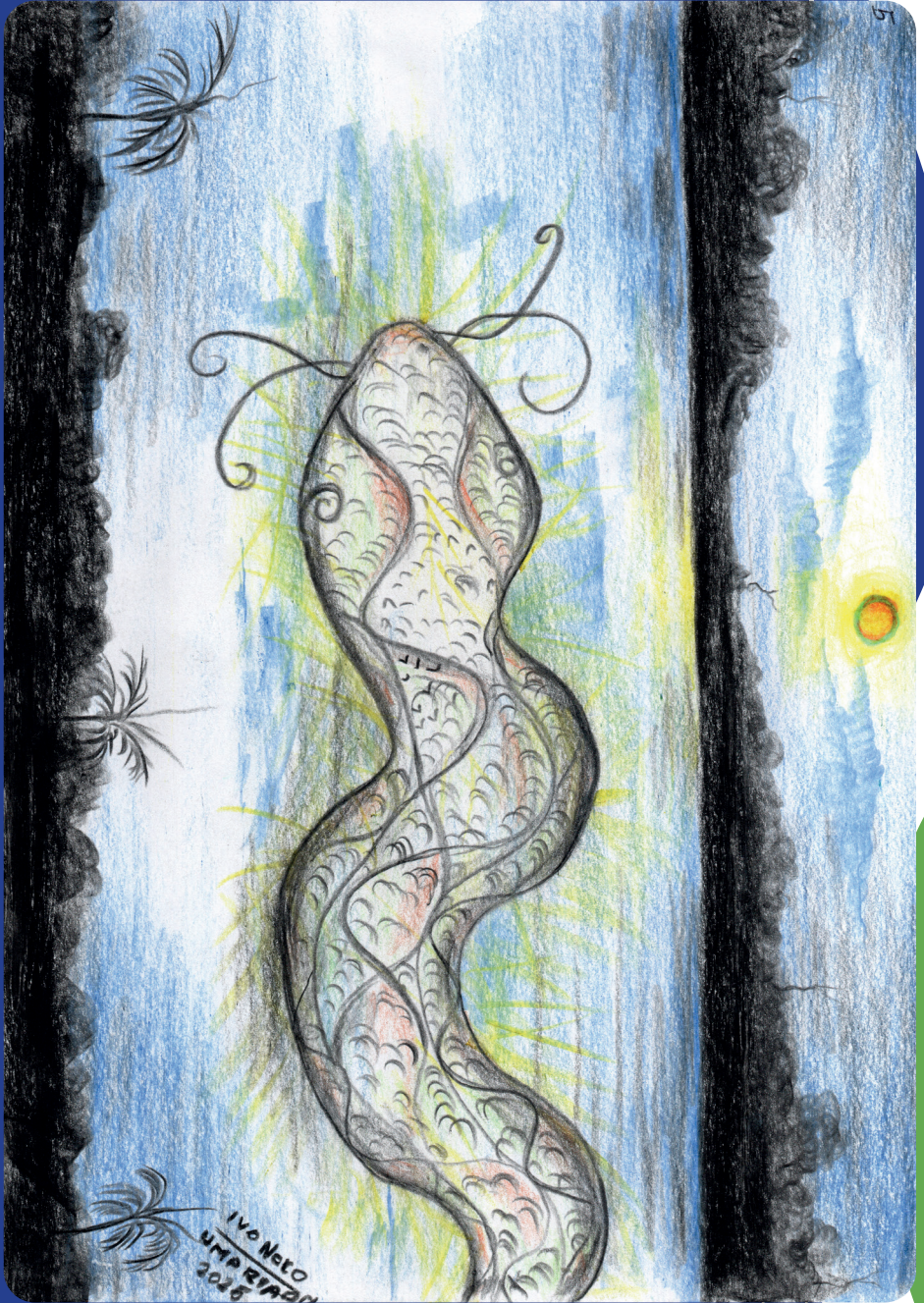
A NOITE EM QUE A TERRA CAIU

História contada por Senhor Davi

Numa noite, eu não conseguia dormir. Era quase duas horas da madrugada. De repente, senti algo estranho no meu corpo, como se tudo tremesse. Minha casa balançava um pouco, como num pequeno terremoto.

Logo depois, ouvi um barulho forte: a terra estava desabando. Não dava para ver bem, porque era noite, mas o som era alto. Quando tudo se acalmou, olhei em direção ao rio e vi algo atravessando no meio da água.

Era a Cobra Grande. Ela vinha do igarapé do Camarão, e dava para ver claramente porque a lua cheia iluminava sua pele brilhante. Foi por causa dela que as terras caíram e o igarapé do Camarão desapareceu, ficando só o rio.



O DONO DO IGARAPÉ E A ONÇA-D'ÁGUA

História contada pela Anciã Helena (Ügüna)

Antigamente, meus avós — já falecidos — ainda estavam vivos. Minha avó, esposa do O'cu, e a falecida vovó Uta sempre diziam: "O igarapé do Umariaçu tem dono. Lá vivem as cobras grandes, a onça-d'água e outros seres que quase ninguém conhece."

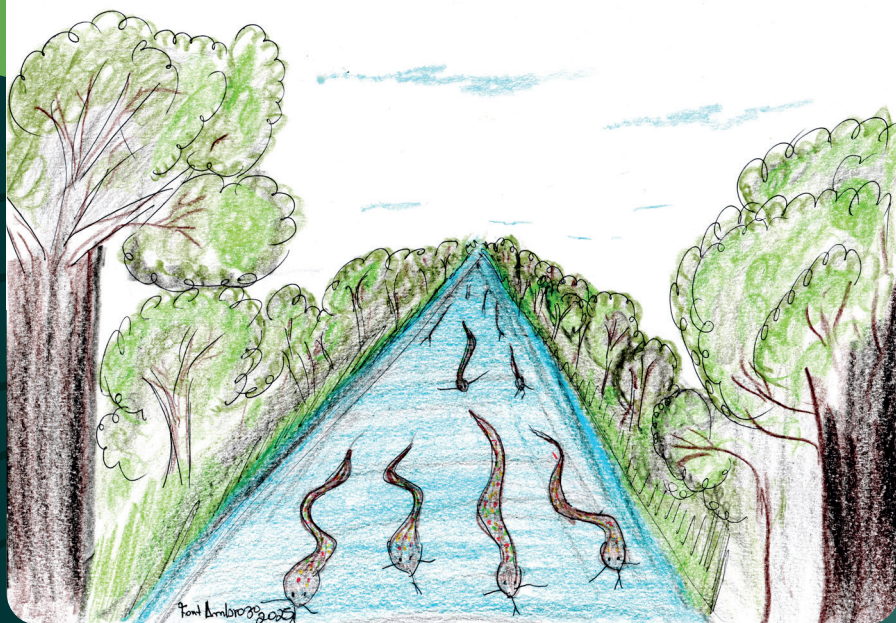
Dizem que, naquele tempo, as crianças sumiam no igarapé. Por causa disso, muitas famílias deixaram o



lugar e foram procurar outros cantos. As cobras grandes também se mudaram, mas uma delas permaneceu aqui — é ela quem guarda o igarapé até hoje.

Minha avó contava que, se todas fossem embora, o igarapé secaria e não teríamos mais onde pegar água. Essas eram as palavras que o vovô O'cu também dizia, e que guardo comigo até hoje.

Antigamente também havia onça-d'água no Umariáçu, e eram bravas. Os pajés precisaram mandá-las para longe quando fizeram aqui a festa da moça nova. O igarapé dos Camarões também era grande, mas a Cobra Grande causou um grande estrago nele. Por isso, o igarapé ficou como está agora.



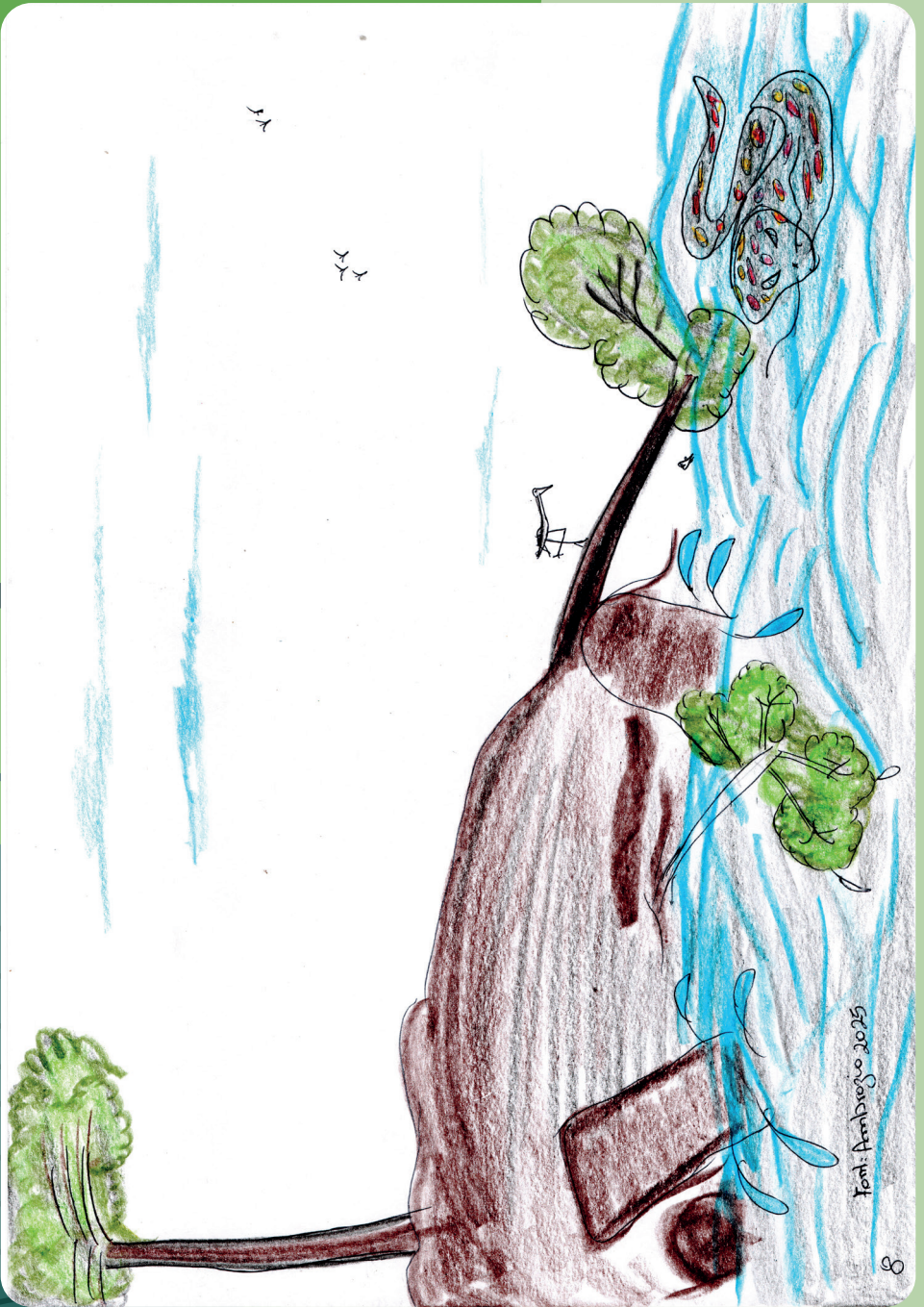


Foto: Ambiente 2015





A COBRA GRANDE SAI EM NOITE DE LUA CHEIA

História do pescador Marquis Sampaio

Certa madrugada, eu estava me preparando para pescar no Lago Comprido. Naquele tempo não existia motor pequi-pequi, então fui só remando, atravessando o rio em frente ao Umariáçu.

A água estava calma, o ar parado e a lua cheia iluminava tudo. No meio do rio, percebi a água se movendo de repente, formando banzeiro, mesmo sem vento. Senti algo estranho — parecia que minha canoa tinha encostado em areia — e ela começou a ficar presa, sem se mover.

Lembrei que, nas noites de lua cheia, a Cobra Grande costuma flutuar na superfície. Fiquei quietinho, sem me mexer, esperando. Depois de uns trinta minutos, senti a canoa se soltar. A Cobra Grande foi se afundando devagar, e a água voltou a ficar calma.

Então segui meu caminho para a pesca. Acredito de verdade que a Cobra Grande vive nesse rio. Só aparece nas noites de lua cheia, quando resolve se mostrar.”



Este material representa o encontro entre gerações e saberes: o conhecimento ancestral dos anciãos e o olhar atento da juventude de Umariáçu I.

Através das histórias e memórias aqui reunidas, reafirmamos a importância da oralidade, da escuta e da valorização dos territórios indígenas como espaços de vida, aprendizado e resistência.

